

RAUL CHRISTIANO SANCHEZ

Vitória

EDIÇÃO PICARÉ
Santos - 1980

Copyright © by Raul Christiano Sanchez

Capa: Jucimário J. de Goes

Seleção de textos: Sérgio Gonçalves Pinto

Ficha para Biblioteca:

SANCHEZ, Raul Christiano de Oliveira

Vitória. Santos, 1980 (Edição Picaré).

1 – Poesia Brasileira. I – Título.

CDD 869.91

Reserva de direitos autorais em língua portuguesa, ou quaisquer outros idiomas, a favor de Raul Christiano Sanchez, da Estância Balneária e Porto de Santos/1980.

dedico este trabalho:
aos meus pais, Lygia e Christiano;
aos meus manos, Renato, Lygia Maria e Analúcia;
e, também, àqueles que necessitarem
de dedicatória,
que se apoderem desta.

APRESENTAÇÃO

O título tem pouco a ver com o conteúdo do livro; porém, muito com o autor. Afinal, editar um trabalho hoje, responsabilizando-se pelas despesas e vê-lo pronto, é uma VITÓRIA. Contudo, não me prenderia tão somente ao fato de conseguir editar minhas criações mediante o meu próprio patrocínio, mas, por conseguir, após tentar quase todas as formas de divulgação, ver concretizado um sonho antigo (os amigos que o digam!).

Não vou dizer que minhas pretensões param no fato de editar. É mentira. Gostaria que esse trabalho chegasse a um leitor “x” e que este dissesse a “y” da novidade. Afinal (de novo), estamos nos movimentando por estas plagas e nada mais justo do que ver o trabalho ter efeito.

Quem está voltado para mera projeção nos meios sociais, aqui? Eu? As criações? Acho que nem mesmo o leitor, pois, a partir do momento que ele dedica parte de seu tempo para ler um autor novo, ele já está saindo do sistema, abrindo, realmente abrindo espaço para conhecer uma nova faceta.

Não pretendemos, no entanto, entrar e, logo, cair no descrédito (Deus me livre!). Acostumados a publicar livrinhos mimeografados e poemas esparsos em “panfletos” literários, sempre saímos a campo a fim de conseguir levar nossas criações e, ao mesmo tempo, entrar em contato direto com o público. Acho que esse contato direto possibilita uma abertura para a poesia. Daí você me diz: - Mas, se tantos poetas saírem pelas ruas, o público não se cansará de tamanha insistência?

Eu não teria resposta, mas arriscaria dizer que a persistência é a arma do negócio (olha aí, sem querer estamos falando de cifras). Antes de qualquer coisa mais, você já pagou o livro? Já? Então leia um pouco. Discuta com os amigos. Divulgue para o maior número de pessoas possível e, se estas gostarem, me avise que providencio a segunda edição.

Não vou tomar mais seu tempo.

No mais, aquele abraço!

O autor.

ÍNDICE

MÁRIO DE ANDRADE
A MORTE DO SONHO
CRIME
LÁBIOS
DIVAGAÇÕES
CHORO
GOTAS D'ÁGUA
FETO
PAUSA
TUDO, NO ENTANTO...
SILÊNCIO
O POSTE
FLORES
QUISERA EXPLICAR...
PERDI(ÇÃO)
COLHEITAS OUTONAIAS
NO MORRO
ALIENAÇÃO CONSCIENTE
IRMÃO OPERÁRIO
PUTA (VIDA)!
NAS ALTURAS, AS LOUCURAS E CONTRADIÇÕES...
CLARIFICA(NDO)
TRANSPARENTES
PONTARIA
FO(L)I(A) NO CARNAVAL
NATUREZA
CHUVAS DE PRATA
PASSOS

MÁRIO DE ANDRADE

Quando a ausência
do amor for sentida
em minha obra, creias, pois,
que encontrarás, também,
“uma gota de sangue em cada poema”!

A MORTE DO SONHO

Assassinei um poema
naquela noite densa.
Tomei, insaciável,
o sangue extasiado
da poesia extinguida.
Volto-me para escrúpulos,
dores e vaidades
tão cruas e vãs;
como o nebuloso passado
do poeta que jamais sonhou.
Bebo, brindando a morte
dos mais belos versos.
Bebo, brindando o sangue
vertido em vinho,
na tristeza de pensamentos
inefáveis
e na crueldade de tão pobre ação!

CRIME

enquanto chora a musa
trabalha um poeta,
no silêncio
na esquina
nas lágrimas da menina!

LÁBIOS

Lábios de mel,
iguais aos teus
jamais vi.
Procurei em
eternas caminhadas
e cansei-me de nunca achar.
Queria que os teus
fossem meus
e tê-los sempre ao luar...
(inspiração em noite
de tão poucas estrelas.
Sem a vibração d'um romântico sonhador,
descrevi os lábios
que ternamente beijei
mesmo nesta folha de papel)

DIVAGAÇÕES

???

Por quê tiraram a brancura do luar,
o sereno das noites
e o orvalho das ervas daninhas?
Por quê ignorar
quem atua,
se você os autua?
Quem poderia ter sido?
Verdade, a dor que me invade o íntimo.
Obstante a tudo,
em noite estrelada
e de esplendor celestial,
corro para o jardim,
insaciável,
e começo a me bronzear...
(afinal, quem pintou a lua de laranja?)

CHORO

Quase formei um lago cristalino
com as lágrimas

d

e

r

r

a

 madras sobre a palma
de sua mão,
naquele sonho de amor
que lhe contei ontem,
à tardinha...

GOTAS D'ÁGUA

Gotas d'água r

o

l

a

m

pela face
em meio ao suor
e lágrimas incontidas,
trazendo, ao mesmo tempo,
desespero e felicidade.
Contudo,
em meio aos prantos,
gotículas, suores e lágrimas,
sinto meu coração dizer seu nome
como se clamasse ajuda
nesse turbilhão de agonias
e redemoinhos de dores passadas...

FETO

Se nas nuvens moram divindades,
aqui mesmo na terra,
a dois minúsculos palmos,
sinto minhocas
 formigas
 insetos e
 outros seres
 construindo o seu mundo.

PAUSA

Pasmo pelas aberrações
do Homem,
perdido na ventura
de revelar criações
inovadoras
e obscuras
que se fazem presentes
na lentidão
de “papiros” cla(ssicos)ros,
em constante busca
dos ideais libertários!

TUDO, NO ENTANTO...

Assim...

Sem ouvir,
sem falar,
sem sentir,
sem opinar,
sem escrever,
sem publicar,
sem poder,
sem viver,
sem maldade,
sem dinheiro,
com amor,
sem liberdade!

Assim...

SILÊNCIO

(...) não há palavras
que completem o meu parêntesis;
nem ecos em meu solitário quarto
ou gemidos nos tristes calabouços...

Em meio à tamanha angústia,
uma profunda dor invade o peito
sem observar um homem vertido

nos mais cruéis
e tenebrosos sonhos,
imóvel, inerte...
Ecos... ecos...
surjam do nada, como por encanto!
e que seu ritmo seja tão musical
quanto as batidas desta máquina
produzindo sonhos, pensamentos,
volvendo a mente
na mais ardorosa das agonias...

O POSTE

De concreto:
alto e magro,
sob nuvens esparsas,
sol a sol,
é empregado do Governo.
Verticalmente posto,
sóbrio, altaneiro,
útil, porém,
viciado...
Puxa fios
na escura esquina,
temeroso,
sem lei...

FLORES

São flores
mil flores,
coloridas, amarelas,
rosas, cravos,
flores belas
(sobre a tumba de heróis).
São flores,
mil flores,
de um jardim formoso,
colorido, perfumado,
aroma gostoso
(nas ladeiras e nas favelas).
São flores,
mil flores,
num arranjo, num vaso,
num campo, num caminho,
numa tarde, num ocaso
(nos bosques da liberdade utópica).
São flores,
mil flores,
coloridas, violetas,
margaridas, jasmims,
donzelas brancas,
donzelas pretas dos jardins
(dos homens e dos operários).
São flores,
mil flores,
numa eterna primavera,
tão belas, tão lindas,
multicores, com vida,
na janela da paixão...
(amém!)

QUISERA EXPLICAR...

Mal vestidos,
sem roupas,
despidos.

Mal nutridos,
sem comida,
desnutridos.

E assim,
sempre mal;
vividros,
vestidos,
nutridos,
eles...
sei lá...
talvez...
quem sabe...
serão comidos!

PERDI(ÇÃO)

Independentes,
soltos
e perdidos na penumbra noturna!
Pequenos seres,
como mariposas,
saem, insaciáveis,
à procura do indelével
que, por encanto,
os encontram
independentes, soltos;
frágeis criaturas
jogadas nas sarjetas
da ir(responsabilidade?)...

COLHEITAS OUTONAIAS

Chamas ardentes
num paraíso tão frutífero.
Homens por todos os lados
dando a impressão de atividade intensa.
Escassez de recursos
impelindo seres humanos
a ignorarem novos horizontes.
O flagelo das horas,
o ataque perspicaz
das Grandes Potências,
o suor, o sangue e as lágrimas
cevaram a terra
para o cultivo de sementes,
flores e,
corroborando futuros mutirões,
frutos, amanhã, quem sabe...

NO MORRO

Lá em cima do morro
há gente morando,
há gente gritando,
chorando, lutando,
reclamando,
pedindo socorro...

Há família vivendo,
dormindo, brigando,
sofrendo, matando
há família morrendo.

Há fome dominando,
mil coisas acontecendo,
desgraça surgindo,
mal afluindo,
criança adoecendo
Há casal vivendo,
suportando,
e há gente se amando.

Há o pai trabalhando,
o suor escorrendo,
o filho roubando,
a mãe se virando,
pedra rolando,
lar desabando
Há família acabando.

Lá em cima,
bem no alto,
há ladrão escondido,
criança mudando,
surgindo bandido;
há estrada de terra
bem longe do asfalto.

Contudo,
há gente vivendo,
há poeta escrevendo,
há gente amando,
há o povo sambando,
há o morro sorrindo,
há o dia nascendo,
e há esperança florindo...

ALIENAÇÃO CONSCIENTE

Defronte a tevê,
“enriquecendo” a cultura
de um povo “sadio”
que pouco,
mas muito pouco lê,
obriga o produto enlatado
ser alimento consumido,
dia a dia,
pelo homem sofrido.
Não escolado,
inteligente,
esforçado,
fica à parte.
Das desgraças,
não frustra ideologicamente,
fica contente,
indiferente,
sem ler, sem pesquisar
torna-se outro alienado...
E assim,
permanece consciente,
contente
e calado...

IRMÃO OPERÁRIO

Saia às ruas
ó irmão operário...
Coloque tuas vestes,
como trapos de honra,
e peça a água
das minas secas
para matar a sede,
como a dor que sentes...
Revista-se das vontades
que dantes tinha
e escape sóbrio
pelas frestas minúsculas
das janelas ao sol,
sentido o calor
da abertura ardente,
tomando a água
para que tua sede morra!

PUTA (VIDA)!

Tantas esqui

n
a
s
pra ficar
e você escolheu aquela,
por onde vou
e

volto

todo dia.
Afinal,
quem tirou a inocência
dessa face de menina?
Porque vive assim,
como prostituta;
suja, perdida...
atirada na calçada?
Lave-se, pelo menos,
e depois

volte

volte um pouco mais,
tente outra vez...
Afinal,
por que você deixou que tirassem
a ingenuidade de sua face?

Tantas esqui

n
a

s
pra ficar,
e você escolheu logo a minha...

NAS ALTURAS, AS LOUCURAS E CONTRADIÇÕES...

A torre de papel
resistia, inerte,
aos fogos contrários
(como sociedade em franca decadência).
Águas enfurecidas
molhavam as bases,
salpicavam os interiores
e lacrimejavam sangue.
Loucos rabiscadores
que dizem preceitos,
que alimentam esperanças
não poderiam, jamais,
exteriorizar o podre.
Que observassem os pobres
em vôos rasantes, bem perto,
que rabiscassem coisas tão sérias,
expressando a dor em forma de cantos
para que tudo
não venha a sucumbir
nem se deixar prender
na gaiola dos horrores...

CLARIFICA (NDO)

Aquela luz
sob o teto da sala

ilumina até mesmo

as trevas dos meus cruéis pensamentos...

TRANSPARENTES

Naquela parede branca
(sem marcas verdes, amarelas ou pretas)
via-se uma janela trans
parente.

E, através dela
pude ver os pontos
mais escuros
de toda uma sociedade
obscura, escondida,
resguardada...
Pude ver a nudez
de um ser
sempre vestido,
uniformizado,
porém,
pelado...

Pelado de farda,
fardões e suéteres;
de ternos, calções
e paletós...

Mas vestido
de preconceitos
e atitudes que causam
con-tro-vér-sias,

trazendo a indigestão
para os pobres estômagos
e cólicas existenciais

para o corpo e mente;

e mente, e mente
de quem cospe e escarra
pelas calçadas
ou pelo alto, c

a

i

n

d

o

na própria face,

sujando de verde, amarelo
e até mesmo preto,
os vidros trans

parentes

daquela parede branca
onde temos refletida
a imagem de seres impuros,
impureza nata,
nus e uniformizados,
que trazem escondidas
as vontades de querer obscurar-se
em muros escuros
para inocentar a alma,
em vez de paredes brancas,
trans
parentes e limpas
que desvendarão
os mistérios da própria mente...

PONTARIA

Vi um passarinho amarelo, ou dois?

Vi um passarinho amarelo

Vi um passarinho

Vi um

Vi

Vi dois passarinhos

sobre o galho camuflado

de um rifle perigoso

à espera de sua vítima

pra soltar o veneno: Bala

Havia uma bala.

Havia uma

Havia um

Havia u

Havia, sim havia!

FO(L)I(A) NO CARNAVAL

Passei tantos carnavais
dançando sem você,
Colombina!
Hoje, justamente hoje,
quarta-feira,
quando tiro a máscara da face
surge você sorrindo pra mim
e cantarolando
as marchas alegres
que carreguei pelo salão
sozinho, cantante e triste...

NATUREZA

Flores coloridas
encantam o visual...
Primavera...
A árvore
balança com a brisa
até ninar
na noite estrelada
desse manto escuro
que esconde o orvalho
da manhã tingida
de meu quadro a óleo
que pintei à mão,
sem pincel...

CHUVAS DE PRATA

Nuvens alvas,
como porções algodoadas,
espalhadas no azul celestial.
Em meio aos clamores,
gritos e lágrimas,
o encontro do poeta
com o inusitado...

Gotículas em formação
lacrimejaram na aurora
de um novo tempo.

O sol brilhou, ofuscante,
após a primavera.

Verão!

Bem acima dos nublados tempos,
gaivotas em vôos rasantes
enfeitam o visual.

O calor, insaciável,
tomava conta das praias
e a frescura do mar
diminuía a intensidade
das prováveis chuvas de verão.

Como rios brilhantes
vindos do Supremo,
gotas prateadas
sobrepõem em encantos...

Derramadas sob relâmpagos
fluorescentes,
cobrem o inimaginável
de belezas e gritos incontidos!
Verão, em meio ao sol,
ao frescor do mar
e a magnitude das chuvas,
o poeta defronte a pena
procurando o indelével,
desvincula os sonhos da realidade,
banhando-se na prata das chuvas
que somente ele poderia imaginar...

PASSOS

Não temos
aquilo que pedimos
queremos,
suplicamos,
sem ter...

Mas, no h

o
r
i
z
o
n
t
e
,

a esperança do ocaso belo
nos leva a crer,
convictos,
nas andanças pela liberdade...